



ISSN: 2764-2429

Informativo Notas do CCBS

Informativo Notas do CCBS

v.05, n.01, fev./abr. 2025

ISSN: 2764-2429

2025 Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS)

Os autores são responsáveis pela apresentação dos fatos contidos e opiniões expressas nesta obra.

Equipe técnica

Editor Chefe

Carlos Henrique Soares Caetano

Editora Associada

Lúcia Marques Alves Vianna

Editora assistente

Francielly de Andrade Motta

Editor Assistente

Maicon de Souza Daiha

Informativo Notas do CCBS/Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

-Vol. 5, n. 1 (2025) - Rio de Janeiro: CCBS/UNIRIO, 2025 - Trimestral.

1. Informativo Notas do CCBS - Periódicos. I. Brasil, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

CDU 57 (05)

CDD 570

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Decania do CCBS

Rua Silva Ramos, 32

CEP: 20270-330

Tijuca, Rio de Janeiro, RJ

Telefone: (21) 2264-6406

Objetivo da publicação

O Informativo Notas do CCBS tem o objetivo principal de divulgação das ações e atividades desenvolvidas no CCBS.

O Informativo irá reunir textos inéditos de autoria da comunidade acadêmica do Centro: Professores e Técnicos divulgarão suas investigações, colaborações e projetos; os Professores Eméritos poderão destacar aspectos da Memória da instituição e de suas trajetórias profissionais. Enfim, comunicar é preciso. E convidamos todo o CCBS a se unir nessa iniciativa.

Instrução aos Autores

1. Submeter o manuscrito eletronicamente através do e-mail: ccbs@unirio.br, com o assunto: **NOTAS DO CCBS**.
2. O teor científico do trabalho é de responsabilidade dos autores, assim como a correção gramatical.
3. O manuscrito, redigido em português, deve ter formato A4, em fonte "Arial", tamanho 14, espaçamento 1,5 entre linhas.
4. Os trabalhos devem conter os tópicos: título; nomes dos autores (nome e sobrenome por extenso e demais preferencialmente abreviados); unidade de lotação (escola/instituto e departamento de ensino); ano de ingresso na UNIRIO; link do lattes; endereço de e-mail para contato (preferencialmente institucional da UNIRIO).
5. A organização do texto deve seguir da seguinte maneira: Introdução, Desenvolvimento, Considerações Finais e Referências (sendo este o único a ser especificado no texto).
6. Não usar notas de rodapé.
7. Enviar o arquivo de texto em Microsoft Word (*.doc ou docx). As imagens devem ser enviadas como anexo (jpeg, tiff, png) numeradas seguindo a ordem do texto.
8. Os artigos estarão na página da Decania do CCBS, disponível em: <http://www.unirio.br/ccbs/informativo-notas-do-ccbs>

SUMÁRIO

Palavras do Editor	6
Com a palavra a Doutora Honoris Causa Marilanda Lopes de Lima	18
Marilza Campos de Magalhães: Homenagem pelos anos de dedicação à EMC e ao HUGG	25
Níveis de realidades, Ciência e responsabilidade	30
Memória do CCBS	41

Palavras do Editor

Prezados(as),

O Informativo Notas do CCBS foi lançado em agosto de 2021 com o objetivo principal de divulgar as ações e atividades desenvolvidas no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da UNIRIO. Sua criação estava prevista no programa de gestão da atual Decania do Centro em seu eixo acadêmico.

Desde o início, o Informativo Notas do CCBS vem cumprindo seu papel graças à adesão da comunidade acadêmica. Todas as seis Escolas/Institutos do CCBS têm contribuído regularmente com o Informativo. Professores, técnicos e estudantes divulgaram seus projetos e/ou os resultados das pesquisas e ações de extensão universitária; os Professores Eméritos destacaram aspectos da memória das unidades acadêmicas e de suas trajetórias profissionais; Escolas/Institutos e a Decania do CCBS relataram sobre a realização de seus eventos.

A publicação eletrônica também se tornou um veículo de apoio aos programas de pós-graduação do CCBS, recebendo textos relacionados a aulas inaugurais e resumos expandidos relacionados às pesquisas de docentes, alunos e colaboradores. Desta forma, alinhando-se com a proposta de apoio aos programas de pós-graduação do nosso Centro constantes no programa da atual gestão da Decania do CCBS.

Enfim, foram 16 números publicados nesses quatro anos (2021-2024) reunindo 70 artigos, quase 1.000 páginas redigidas por mais de 200 autores.

Segue abaixo, um sumário incluindo todos os artigos publicados até o presente momento.

Volume 1 (número 1): agosto de 2021

Lucia Marques Alves Vianna. Com a palavra: O Professor Emérito. p. 3-7.
Bernardo Cunha Senra Barros. A importância da pesquisa e da interdisciplinaridade no modelo acadêmico/científico das Universidades. p. 8-11.

Sandra Zorat Cordeiro. Herbário Prof. Jorge Pedro Pereira Carauta, o HUNI. p. 12-22.

Raquel de Almeida Ferrando Neves. Talentos do CCBS. p. 23-26.

Volume 1 (número 2): novembro de 2021

Nilson Alves Moraes. Com a palavra: O Professor Emérito. p. 3-13.

Carlos André Bueno Klojda & Carlos Eduardo Klojda. O Presídio como cenário acadêmico: Instituto Penal Cândido Mendes. p. 13-17.

Cristiane Rodrigues da Rocha. Aniversário de 131 anos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. p. 17-19.

Marzia Puccioni Sohler. Dia Mundial de Combate ao HTLV – 10 de Novembro. p. 20-34.

Volume 2 (número 1): fevereiro de 2022

Nébia Maria Almeida de Figueiredo. Com a palavra: O Professor Emérito. p. 3-9.

Valéria Cristina Soares Furtado Botelho. Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: da Implantação aos dias atuais. p.9-18.

Ricardo Campos da Paz. Epidemias, pandemias, a evolução da Ciência e a ciência da Evolução. p. 19-33.

Camille Feitoza França & Francisco José de Freitas. A Homeopatia na UNIRIO - um breve relato de uma Residente. p. 34-39.

Volume 2 (número 2): maio de 2022

Omar da Rosa Santos. Com a palavra: O Professor Emérito. p. 6-12.

Andréa Povedano. Os 110 anos da Escola de Medicina e Cirurgia (EMC). p. 13-19.

Valéria Cristina Soares Furtado Botelho. Importância do atendimento nutricional na assistência pré-natal interdisciplinar especializada a

gestantes de risco: projeto desenvolvido em ambulatório de obstetrícia e ginecologia do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. p. 20-28.

Elidiomar Ribeiro Da-Silva. As atividades de Zoologia Cultural no Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural. p. 29-44.

Volume 2 (número 3): agosto de 2022

Fernando Rocha Porto, Paulina Aparecida M. Vieira & Ana Cristina Silva Pinto. Walter Fernandes – professor Benemérito da UNIRIO (2022). p. 5-11.

Roberto Carlos Lyra da Silva. O processo de incorporação de tecnologias no SUS e o protagonismo do Laboratório de Avaliação Econômica e de Tecnologias em Saúde. p. 12-32.

Camille Feitoza França, Nathalia D. Sepe, Barbara P. Rossini, Bruna T. Fernandes, Efer Cila dos Santos, Rodrigo da Fontoura de Albuquerque Mello, Jorge Kede & Francisco José de Freitas. A erupção dentária em lactentes: sintomas e abordagens terapêuticas pela Alopátia e Homeopatia. p. 33-44.

Michel Carlos Mocellin & Alessandra da Silva Pereira. Centro colaborador de alimentação escolar – CECANE. p. 45-57.

Volume 2 (número 4): novembro de 2022

Mario Gáspare Giordano. Com a Palavra: O Professor Emérito. p. 5-14.

Maylta Brandão dos Anjos. Defesas dos animais e formulação de políticas públicas - Um diálogo em aberto. p. 15-29.

Andrea Villardo & Glória Regina Mesquita da Silveira. Preditores de alterações metabólicas em pacientes convivendo com AIDS/HIV em uso de terapia antirretroviral altamente ativa: proposta de um cartão identificador. p. 31-47.

Taís Veronica Cardoso Vernaglia. A mobilidade internacional docente pelo Programa MARCA entre a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (Brasil) e a Universidade de Santander (Colômbia). p. 48-56.

Carlos Alberto Basílio de Oliveira. Sérgio Luiz Magarão: homenagem póstuma. p. 57-60.

Volume 3 (número 1): fevereiro de 2023

Rosa Maria Tavares Haido. Com a Palavra: O Professor Emérito. p. 5-13.

Maylta Brandão dos Anjos & Juliana Bittencourt C. da Silva. 101 dicas de audiovisuais para caminharmos em defesa dos animais. p. 14-48.

Ricardo Campos da Paz. Alfred Russel Wallace (1823-1913) e seu legado: ciência, pseudociência e negacionismos. p. 49-69.

Taíssa Lima Torres, Kalil Lucas F. Mariano & Adriele da S. Almino. Culinária terapêutica: na linha de frente no combate a pandemia. p. 70-82.

Volume 3 (número 2): maio de 2023

Paulo Henrique Godoy. Investigação em distúrbios do sono na UNIRIO: o Laboratório do Sono-LABSONO. p. 6-14.

Paulo Roberto Figueiredo Souto. O Olhar da Etologia através do Registro Icnológico do Laboratório de Interações Biológicas e Ambientais. p. 15-30.

Hideliza Maria V. Salles. Mês da Mulher. p. 31-36.

Leticia Gonçalves de Souza. Memória do CCBS: Mural de Decanos. p. 37-40.

Volume 3 (número 3): agosto de 2023

Carlos Henrique Soares Caetano. IV Mostra do CCBS. p. 8-19.

Ana Carolina Cerqueira Vargas, Gabriela Amaral de Figueiredo Rodrigues, Marcella Vitoria Sperle Bizarro & Vera Lúcia Freitas. A atuação e o ensino de REIKI como práticas integrativas e complementares: uma visão holística para a enfermagem. p. 20-24.

Anna Caroline Ramos Oliveira, Beatriz Alves dos Santos Motta Vianna, Carla Pontes de Albuquerque, Daniel Netto de Aquino, Gabriel Almeida Teles, Iara Tiene de Lima Melo, João Gabriel dos Santos Barcellos, Júlia Rodrigues Carvalho Ancora da Luz, Larissa Carvalho Pessanha, Nilceia Francisco Gomes, Pedro Henrique Silva Martins & Victória Gabriela Delgado Nunes e Sousa Morais. A participação da Comunidade de

Aprendizagem Sumaúma Saúde Coletiva UNIRIO na IV Mostra do CCBS – 2023. p. 25-29.

Amanda Cardozo dos Santos, Ana Paula da Silva Costa, Elidiomar Ribeiro da Silva & Fernanda de Andréa Oliveira. A Zoologia é o Bicho. p. 30-33.

Ane Caroline Pedro, Anna Cristina Neves Borges, Gabrielle Nunes Campos, João Gabriel David da Silva Carvalho, Júlia Guedes Antunes, Maria Eduarda Bottino Ferreiro de Oliveira, Mateus Bueno Benetti, Maurício de Sá e Benevides Freitas, Nicolle dos Santos da Costa & Thalles Corte Costa. Abordagens pedagógicas multidisciplinares aplicadas para ensino de Ciências. p. 34-37.

Joelma Freire de Mesquita, Luciano Santana de Oliveira, Mariana T. de Souza M. Bizarro & Suely Rodrigues dos Santos. Aconselhamento Genético e a Percepção do leigo sobre Doença Genética. p. 38-40.

Betina Kozlowsky Suzuki, Hanna Victoria da Silva Mendes, Júlia de Albuquerque Índio do Brasil, Manuella Cristina Gomes Palucci de Carvalho & Wanderson Fernandes Carvalho. Aplicação de Citometria de fluxo na otimização do potencial microbiano para a eficiência e a produção de bioenergia: Biometano e Bioetanol. p. 41-44.

Igor Christo Miyahira. Biodiversidade: conhecer para preservar. p. 45-46.

Alexandra Grigoriyan, Geovanna Theobald Borsato, Rodrigo Almeida Ferreira da Silva, Silvia Mattos Nascimento & Júlia Delvaux Magalhães. Conhecendo as HABs. p. 47-49.

Allan Paulo Moreira dos Santos & Maria Inês da Silva dos Passos. Conhecendo os insetos e sua importância. p. 50-53.

Eduardo de Matos Nogueira. Conservação de Orquídeas Brasileiras Ameaçadas (COBA). p. 54-58.

Flavia Menna Barreto. Cultura, Saúde e Humanidades. p. 59-61.

Gabrielle Nunes Campos, Marcelo D'Oliveira Firmino & Anna Cristina Neves Borges. Divulgação da IV Mostra CCBS e das atividades Acadêmicas e Científicas realizadas durante esse evento. p. 62-65.

André M. Daflon, Cláudia Soares Santos Lessa, Gabriel S. Silva, Jefferson S. Gonçalves, João P.O. Lima, Maria Eduarda S. Barbosa, Mariana P. Nunes, Nathalia V.Z.M. Nogueira, Raquel M. Ramos, Tomaz S.T. Machado, Valéria Magalhães Aguiar, Valmiria M.L.A. Gomes, Wellington T.A. Azevedo & Yuri J.S. Ferreira. Divulgação do Papel Ecológico, Forense e em Saúde Pública das Moscas Varejeiras. p. 66-69.

Ana Clara Morais Teixeira, Mary Ann Menezes Freire, Milena Alves Batista, Sonia Regina de Souza, Valter Gabriel Rocha Silva & Vanessa de Almeida Ferreira Corrêa. Enfermagem na Defesa da Vida: a experiência do Projeto PAINEL na IV Mostra do CCBS. p. 70-72.

Alice Pajek Passos, Arthur Silva de Faria Franca, Flávia Milagres Campos, Gabriella Bernardo Torres Terrezzo, Helena Barros de Souza, José Guilherme de Santana Santos, Karina dos Santos, Rayssa Freitas dos Santos, Renata Marena Ferreira, Sara Martins Costa & Yve Kos Rito. Estágio em Processos Produtivos de Refeições: HUGG e Restaurante Escola. p. 73-77.

Tatiana Fabricio Maria, Eshelley Teixeira Pires, Izadora Machado Augusto da Silva & Karine Angelo de Azevedo. Meiofauna: a fauna invisível. p. 78-79.

Ane Caroline Pedro, Anna Cristina Neves Borges, João Marcos Silva Santana, Júlia Guedes Antunes, Mateus Bueno Benetti, Maurício de Sá e Benevides Freitas & Thalles Corte Costa. Oficinas sobre observação de células ao microscópio e extração de DNA vegetal, como ferramentas para ensino realizadas na IV Mostra do CCBS. p. 80-83.

Bianca Marins-Silva & Mariana Belo. Projeto: “Criatividade e Ensino: diferentes abordagens em Saúde Pública”. p. 84-88.

Luzia Alice Ferreira de Moraes & Luzia Tonon. Projeto: Educação Ambiental com o Peixe Fredi. p. 89-92.

Bernadette Clarie Paiva Santana, César Luís Siqueira Junior, Giovana Schulze de Macedo & Lucas Gaio do Nascimento de Souza Aguiar. Reaproveitamento de resíduos: sustentabilidade em nossas mesas. p. 93-97.

Volume 3 (número 4): novembro de 2023

Max Kopti Fakoury. Disciplina de Geriatria. p. 6-10.

Sara Regina P. de Matos & Max Kopti Fakoury. HIV em idosos e a relação com o conhecimento em sexualidade. p. 11-24.

Débora Alves dos S. Fernandes & Andrea Povedano. Iniciativas para o Desenvolvimento Docente no CCBS. p. 25-31.

Eliane Dantas Rocha, Carolina Jardim dos S. Almeida, Geórgia Antonia F. Dominicini, Glendha Bourguignon C. da Silveira, Júlia Gonçalves Costa, Julia Morais de Moura, Larissa Apolinario da Rocha, Larissa Balthar T. de Emery, Maria Eduarda B. F. L. C. dos Santos, Michelli Cristina G. da Costa, Victor Schinaider G. da Cunha & Solange Campos Vicentini. Programa de Extensão Saúde, Bem-Estar e Qualidade de vida (SABEQ/UNIRIO): que história temos para contar? p. 32-43.

Volume 4 (número 1): fevereiro de 2024

Carlos Henrique Soares Caetano. Memória das Ciências Biológicas UNIRIO. p. 6-25.

Rosa Koko Otsuki, Jeanne da Silva Machado, Eliane Dantas Rocha & Solange Campos Vicentini. Espiritualidade e Ética na Medicina - uma questão de Bioética. p. 26-37.

Glória Regina Mesquita da Silveira. Programa de Pós-Graduação HIV/AIDS e Hepatites Virais (PPGHIV/HV): aula inaugural e resumos de projetos/pesquisas. p. 38-91.

Volume 4 (número 2): maio de 2024

Davi dos Santos L.de Melo, Esley W. P. de A. R. dos Reis, João Victor O. Bastos & Terezinha de Souza Agra Belmonte. A inclusão e diálogo dos bolsistas de integração acadêmica no Projeto de Extensão Núcleo em Interconsulta /UNIRIO. p. 7-12.

Glória Regina Mesquita da Silveira. Programa de Pós-Graduação HIV/AIDS e Hepatites Virais (PPGHIV/HV): aula inaugural de 2024 e resumos expandidos dos projetos de pesquisa dos discentes (Parte 1). p. 13-81.

Volume 4 (número 3): agosto de 2024

Eliane Dantas Rocha, Victor Schinaider G. da Cunha, Jullien Borota Cardoso, Gabriel Nascimento, Gabriel Gonçalves de Araújo, Gustavo Rodrigues B. da Silva, Julia Chalet da Silva, Rodrigo da Fontoura de Albuquerque Mello & Solange Campos Vicentini. Dialogando sobre sono e saúde na Semana Brasileira do Sono. p. 7-17.

Igor Christo Miyahira. Quem são os mexilhões de água doce da América do Sul e o estudo desses incríveis e ameaçados animais na UNIRIO. p. 18-30.

Glória Regina Mesquita da Silveira. Programa de Pós-Graduação HIV/AIDS e Hepatites Virais (PPGHIV/HV): aula inaugural de 2024 e resumos expandidos dos projetos de pesquisa dos discentes (Parte 2). p. 31-68.

Volume 4 (número 4): novembro de 2024

Carlos Henrique Soares Caetano, Allan Paulo Moreira dos Santos, Igor Christo Miyahira, Maria Inês da S. dos Passos, Maurício Romulo Fernandes & Tatiana Fabricio Maria. Catálogo Taxonômico da Fauna do

Brasil (CTFB): a contribuição do Instituto de Biociências da UNIRIO para o inventário da biodiversidade zoológica no país. p. 6-30.

Fernando Rocha Porto. Doutora Honoris Causa Marilanda Lopes de Lima. p. 31-37.

Débora Alves dos S. Fernandes, Beatriz Helena da S. Medeiros, João André M. Braga, Ludmila Plácido, Maria Angélica A. C. Freire Leal & Maria Eduarda M. M. Nogueira. Experiência com cinedebate no “Projeto Libras: acessibilidade para a população surda no ambiente clínico”. p. 38-48.

Rossano Pecoraro. Filosofia da Saúde: análise de conjuntura e possíveis (re)leituras. p. 49-58.

COM A PALAVRA A DOUTORA *HONORIS CAUSA* MARILANDA LOPES DE LIMA

Marilanda Lopes de Lima

*Enfermeira graduada pela Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, UNIRIO (1975),
Presidente de honra e fundadora da Associação Brasileira de Obstetizes e
Enfermeiros Obstetras - ABENFO-NACIONAL*

Fiquei muito feliz com o reconhecimento da outorga do título Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. A felicidade é tamanha, pois sou formada na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto há 49 anos, estudante da Professora Emérita Ana Grijó à época.

Ana Grijó em suas aulas me despertou o conhecimento e o sentimento de indignação, empatia e solicitude para com as mulheres atendidas pelo sistema público de saúde na década de 1970. Ela abordava a história da obstetrícia, passando força, coragem e sensibilidade com referência em Madame Durocher - mulher de origem francesa, naturalizada brasileira, pioneira na medicina obstétrica no Brasil durante o século XIX.

O legado de Durocher foi marcado por lutas contra os preconceitos e as barreiras sociais da época vivida que inspiram futuras gerações de

mulheres a perseguirem o seu sonho e a se tornarem profissionais de saúde. Sua trajetória não apenas desafiou as normas sociais, mas também contribuiu para humanizar a prática obstétrica, promovendo um atendimento mais respeitoso. Mas foi pela voz, intelectualidade e gestualidade corporal de Ana Grijó que aprendi o ethos do cuidar na enfermagem obstétrica.

Seguir esses 44 anos de dedicação ao ensino e assistência à mulher durante seu processo de reprodução humana foi repleta (des)encontros e trocas de conhecimentos. Ele representa para além do conjunto complexo de eventos biológicos, hormonais e genéticos impostos ao corpo materno, mas a relação intrínseca entre a mente, o corpo e sua sexualidade. Logo, tenho muito a agradecer às mulheres que me mostraram o caminho e as perspectivas do futuro a seguir.

A outorga do título é fruto de longa trajetória do que acredito, dentro das minhas limitações, no meu olhar e vivência ao longo dos anos. Estes foram, de fato, de aprendizado para ampliar saberes e práticas para entender para além do horizonte.

Minha trajetória pessoal, ainda muito jovem, fui encaminhada a escolher uma profissão. Nesta perspectiva, tive um desejo inconsequente de ser profissional da saúde - desejo profundo e irrefletido de entrar nesse campo - sem levar em conta as realidades e desafios que a carreira nos impõe. É como um impulso forte, mas, talvez, sem a devida consideração das exigências físicas, emocionais e mentais que acompanham o exercício e a prática da enfermagem.

A enfermagem é um campo que exige equilíbrio entre conhecimento técnico científico, habilidades nas relações interpessoais e compreensão profunda das nuances culturais e psicossociais. Isto implica, em metáfora, a gangorra, de quem cuida e de quem é cuidado.

Escrever sobre a enfermagem em mim é resgatar uma caminhada incessante de modos de ser e estar no mundo em constante movimento de criação, reconstrução e afirmação de potencialidades no campo em que atuo.

Já ouvi muitas histórias, saberes e tradições nos encontros com docentes, enfermeiras obstetras e parteiras tradicionais desde 1977, quando assumi a docência na Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), quando fiz dessas escutas uma potente ferramenta de transformação de uma prática profissional.

Não posso deixar de lembrar dos encontros memoráveis com a Dra. Alcides de Souza Pinto – Professora Titular de Obstetrícia da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense (UFF) – com sua larga experiência na docência e vivência, como enfermeira obstétrica em diferentes campos de atuação, na educação, na assistência hospitalar em maternidades públicas, domicílios e comunidades. Foram momentos poderosos de transmissão de saberes e práticas, pois o conhecimento, habilidade e tradições da profissão e ensinamentos são estratégicas para a enfermagem obstétrica.

As conversas reforçaram a importância da qualificação e experiência na assistência obstétrica para enfrentar a decolonialidade

médica instituída. As palavras de ordem eram qualificação, experiência, liberdade e criação, para dialogar e enfrentar as diversidades no campo, que desvaloriza e desqualifica o poder da mulher na sua expressão maior de sua sexualidade, parto e nascimento.

O colonialismo médico na área obstétrica resultou em uma desvalorização das práticas tradicionais de cuidados à mulher em trabalho de parto e na intervenção do seu processo fisiológico, quando o ato de parir passou a ser visto sob a perspectiva patológica, medicalizada e controlada pelos profissionais de saúde.

Na década de 1980, a Organização Panamericana de Saúde (OPAS) estimou que cerca de 500 mil mulheres morriam anualmente por causas evitáveis que incluíam hemorragias, hipertensão, doença hipertensiva específica da gravidez, infecções e complicações do aborto.

Nessa época, houve reconhecimento crescente da necessidade de formar mais parteiras/obstetizes e enfermeiras obstétricas para reduzir os excessos de intervenções médicas durante o parto. A formação profissional foi vista como uma das formas de reverter a medicalização excessiva do parto, oferecendo uma abordagem mais natural e menos invasiva. Cabe aqui reforçar “As parteiras, enfermeiras obstétricas e obstetizes salvam vidas” (brasil.unfpa.org)

É crucial ter uma formação adequada para atuar num sistema de saúde que proporcione os recursos e suportes necessários para desempenhar suas ações de forma eficaz com autonomia e liberdade.

As parteiras, enfermeiras obstétricas e obstetizes podem prevenir, aproximadamente, dois terços das mortes maternas e neonatais.

Ademais, fornecem 90% dos serviços essenciais de saúde sexual e reprodutiva, saúde materna e neonatal. No entanto, elas representam 10% da força de trabalho mundial em saúde devido à falta de investimento e apoio

Diante desse contexto, era preciso pensar nas competências e habilidades necessárias para a atuação da enfermagem obstétrica, considerando a natureza feminina em e suas dimensões nas diferentes fases da vida, mas com olhar diferenciado para saúde sexual e reprodutiva, e assistência ao parto e nascimento, devido às altas taxas de mortalidade materna e neonatal por causas evitáveis.

À época o movimento feminista pela saúde sexual e reprodutiva já apontava os múltiplos fatores de opressão e violência como: raça, gênero e classe social. Isto era a possibilidade de resultar no combate na discriminação e maus tratos específicos para mulheres negras, usuárias do sistema público de saúde.

Em minha trajetória na década de 1980, vivi a experiência na especialização e no mestrado da Escola Paulista de Enfermagem (EPM), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), mediante a Integração multidisciplinar, autonomia e liberdade de ação como enfermeira obstétrica na Maternidade Amparo Maternal que servia de campo de estágio.

Voltei de lá determinada a compor um grupo forte e comprometido com a política, o ensino e a assistência que pudesse fortalecer o movimento da enfermagem obstétrica nos campos de atuação no Rio de Janeiro, onde a saúde materna e infantil enfrentava desafios significativos

como a mortalidade materna por causas evitáveis, racismo e violência obstétrica.

Neste momento me vem à memória a importância do encontro com a Enfermeira Obstetra Maria de Lourdes Garcia de Andrade – presidenta do Sindicato das Parteiras do Rio de Janeiro – pela orientação política e sindical, que me conduziu a criação da Associação Brasileira de Obstetizes e Enfermeiros Obstetras (ABENFO NACIONAL), em 1992, como estratégia para ampliar e estimular a participação das enfermeiras obstetras que atuavam na assistência. Isto em uma perspectiva centrada na humanização que pudesse impactar os altos índices de morbimortalidade materna e neonatal.

Assim sendo, iniciei junto com outras enfermeiras o movimento de ampliação de nossa entidade. Isto estimulou a criação da seção ABENFO/SP, em 1994, junto com ABENFO NACIONAL, quando foi organizado o primeiro Congresso Brasileiro de Enfermagem Obstétrica e Neonatal (I COBEON) em parceria com a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP). A programação científica trouxe à tona a Enfermagem Obstétrica no contexto sociocultural brasileiro.

A partir desse marco, nossa entidade cresceu sob novas direções, com destaque para a Dra. Maria Antonieta Rubio Tyrrell que conduziu com maestria a criação de outras seccionais.

Chegando ao final dessas reflexões em um mix de memórias, não posso deixar de registrar os meus agradecimentos ao corpo social da Faculdade de Enfermagem da UERJ pelas calorosas discussões, pelos ditos e interditos fundamentais, para chegar até aqui. Meu útero de

nascimento na enfermagem ao corpo social da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP-UNIRIO) por acreditar em minha trajetória profissional.

As mulheres e famílias que ao longo dos últimos 24 anos que atuei na assistência domiciliar por confiarem na minha assertiva que toda mulher sabe parir e não precisa ser tutelada por ninguém, nem medicalizada para induzir ou dirigir seu trabalho de parto desnecessariamente. Mas é preciso sim, ter uma enfermeira obstetra para chamar de sua parteira!

Por último, não menos importante, inclusive a mais relevante aos pais - minha mãe Orlanda Lopes de Lima em seus 93 anos de vida e por imprimir em mim os valores da educação e da potência de mulher sensível, intuitiva e trabalhadora; *in memoriam* ao meu pai Mario Barbosa de Lima pela vida cheia de aventuras e experiências de força, sabedoria, flexibilidade, ativismo por direitos sociais e sindicais trabalhista e a pulsão por autonomia e liberdade e minha filha Mariana Lopes de Lima por desafiar em mim a maternidade, depois de uma histerectomia total.

Obrigado a você leitor(a) por ter lido o presente texto. Espero que possa te conduzir a outras reflexões em prol das mulheres que ficam desassistidas e/ou percorrem maternidades, bem como aquelas que sofrem violência obstétrica. Junte-se a gente na luta!

Marilza Campos de Magalhães: Homenagem pelos anos de dedicação à EMC e ao HUGG

Vitor Ribeiro Gomes de Almeida Valviessa

Professor auxiliar, Departamento de Medicina Geral, Escola de Medicina e Cirurgia, CCBS, UNIRIO

No dia 15 de janeiro de 2025, foi realizado evento em homenagem à professora Marilza Campos de Magalhães no anfiteatro geral do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle (HUGG). A homenagem foi organizada por mim com a colaboração de muitos colegas, entre os quais destaco: Profa. Maria Marta Regal de Lima Tortori, Profa. Iêda Lúcia Pereira Bravo, Isabela Magalhães (filha da Profa. Marilza) e Ilza dos Anjos Coutrim.

O evento contou com a presença de cerca de 100 pessoas, incluindo o presidente da Associação Brasileira de Hematologia, Hemoterapia e Terapia Celular (ABHH), o Dr. Angelo Maiolino; o Decano do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da UNIRIO, o Prof. Carlos Henrique Soares Caetano, e membros do corpo discente e docente da EMC/UNIRIO, servidores do HUGG, ex-alunos, colegas, amigos, familiares e pacientes (Figura 1).

Na fotografia podemos destacar: Professores(as): Ana Maria Mendes Monteiro Wandelli, Ana Rosa Airão, Carlos Alberto Basílio de Oliveira, Carlos Eduardo Brandão, Carlos Henrique Soares Caetano,

Carolina Luna, Claudio José de Almeida Tortori, Dario José Hart Pontes Signorini, Eduardo Pamplona Bethlem, Giovanni Nicola Umberto Italiano Colombini, Iêda Lúcia Pereira Bravo, Júlio César Tolentino, Lygia Maria Soares Fernandes Vieira, Luiz Paulo José Marques, Maria Cecília da Fonseca Salgado, Maria Marta Regal Lima Tortori, Maria Mazzarone, Regina Maria Papais Alvarenga, Sandra Maria Garcia de Almeida e Vitor Ribeiro Gomes de Almeida Valvieste; Técnicos-administrativos: Vagner Miranda Vieira da Cunha, Ilza dos Anjos Coutrim; Presidente da ABHH: Angelo Maiolino.

Anexo 1 - Fotografia - Fotografia reunindo os participantes do evento no anfiteatro geral do HUGG.



Fonte: compilação do autor

Marilza Campos de Magalhães é egressa da Escola de Medicina e Cirurgia (EMC) da UNIRIO onde se graduou entre os anos de 1971 e 1975. Seu trabalho de conclusão de curso intitulado "Púrpura Trombocitopênica Hereditária" foi realizado sob a orientação do professor Luiz Carlos de Brito Lyra. Em 1976 ingressou na EMC como docente e, desde então, tem atuado com paixão e dedicação no curso de Medicina e junto ao HUGG no serviço de Hematologia. Foi responsável direta ou indiretamente pela escolha da especialidade de mais de 50 ex-alunos egressos da UNIRIO, hoje hematologistas (Figura 2). No Programa de Pós-graduação em Neurologia (PPGNEURO) realizou seu mestrado, entre os anos de 2004 e 2006, com a dissertação intitulada "Antitrombina Plasmática em Pacientes com Esclerose Múltipla nas formas clínicas surto-remissiva e secundária progressiva" e seu doutorado, entre os anos de 2015 e 2019, com a tese intitulada "Avaliação dos Parâmetros Biológicos da Hemostasia e da Inflamação no Pacientes Idosos portadores do Vírus da Imunodeficiência Adquirida". A professora se aposentou em 2023 (Portaria PROGEPE/UNIRO nº 951, de 15 de setembro de 2023) mas segue atuando como convidada na Escola de Medicina e Cirurgia (EMC), seja na disciplina de Hematologia e Hemoterapia como também em comissões examinadoras e no atendimento ambulatorial. No dia da realização do evento de homenagem foi surpreendida ao entrar no auditório para proferir uma palestra para a Liga de Hematologia. Não imaginava que receberia a homenagem.

Agradecemos por toda a contribuição desses quase 50 anos de docência e por ter inspirado tantos alunos com sua dedicação e humanidade.

Anexo 2 - Fotografia- Placa comemorativa contendo lista nominal de hematologistas formados pela UNIRIO e com a contribuição da Profa. Marilza Campos de Magalhães.



Fonte: compilação do autor

Por fim, segue abaixo transcrição do texto de agradecimento da Profa. Marilza escrito logo após a homenagem:

"Amigos, colegas, alunos, família

Ainda entorpecida pela noite de ontem...

Entrei para dar uma aula e encontrei a história da minha vida acadêmica no auditório do HUGG!

Estou ainda impactada. Não pela surpresa, mas pela visualização de que TUDO valeu a pena! O início, o meio e o término do ciclo! Em muitos momentos, Luis Carlos de Britto Lyra, Adilson José de Almeida, Olivia Pereira de Mello Marcal - meus amores -, caminharam comigo nesta noite.

Alguns eu não via há muitos anos, e meu coração quase parou de bater. Outros, abracei, agradecendo a Deus, por estarem comigo até agora. O que dizer dos jovens alunos, como lhes desejei sucesso! Uma noite encantada pela presença de minha família e do meu netinho!

Que a energia emanada deste encontro permaneça em nossos corações!
Ela foi muito boa!

Aos organizadores do evento comemorativo da minha aposentadoria e aos convidados, meu eterno agradecimento! Meu coração quase parou".

Níveis de realidades, Ciência e responsabilidade

Ricardo Campos da Paz

Professor Titular, Laboratório de Ictiologia, Sistemática e Evolução – LISE, Departamento de Ecologia e Recursos Marinhos, Instituto de Biociências, CCBS, UNIRIO, rcpaz@unirio.br

“Quando você estiver estudando qualquer assunto, ou considerando qualquer filosofia, pergunte a si mesmo apenas: ‘Quais são os fatos e qual é a verdade que os fatos comprovam?’. Nunca se deixe distrair pelo que você gostaria de acreditar ou pelo que você acha que poderia ter efeitos sociais benéficos se fosse acreditado, mas olhe apenas e exclusivamente para quais são os fatos” (Bertrand Russell [1872 – 1970], matemático e filósofo britânico, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1950, em entrevista de 1959).

Yuval Noah Harari (1976 -) é um professor, historiador e escritor israelense, conhecido mundialmente pelos best-sellers “*Sapiens: uma breve história da humanidade*” (2015), “*Homo Deus: uma breve história do amanhã*” (2016) e “*21 lições para o século 21*” (2018), dentre outros. Em seu livro mais recente, “*Nexus: uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial*” (2024), ele sugere que existem, basicamente, três níveis de realidades: 1) a realidade *objetiva*; 2) a *subjetiva*; e 3) a *intersubjetiva*.

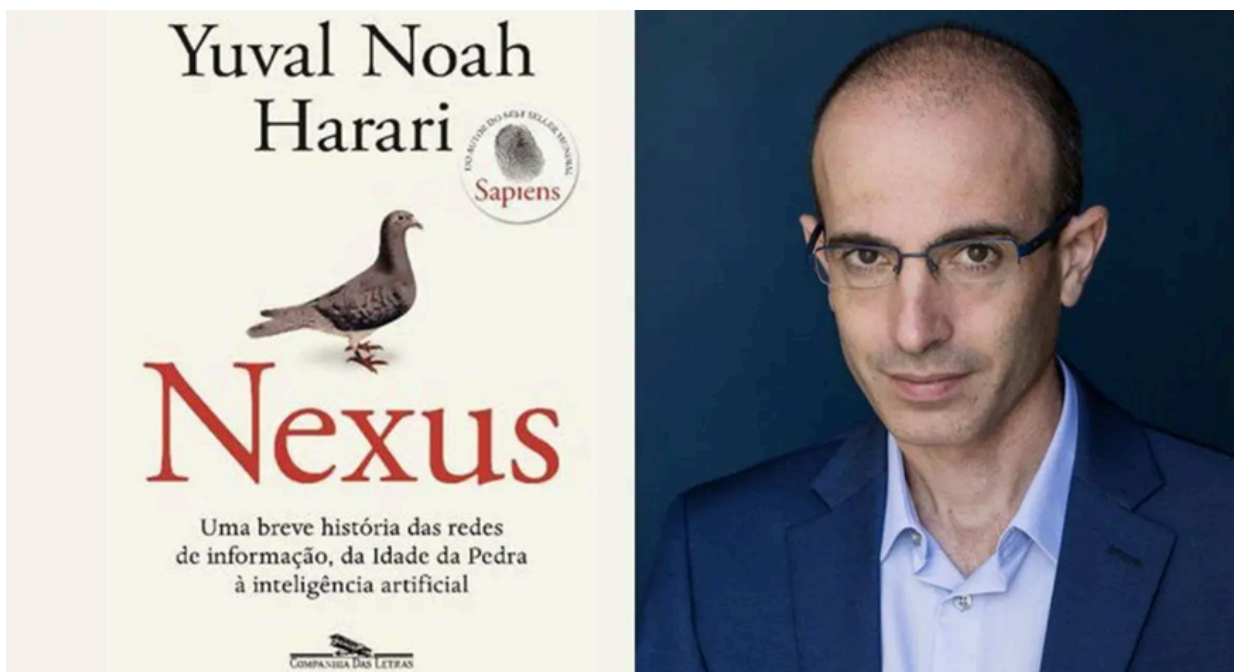


Figura 1 - Capa do livro “Nexus: uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial” (2024) (esq.) e seu autor, Yuval Noah Harari (dir.).

Por “*realidade objetiva*”, Harari entende como sendo aquela composta por elementos que independem das nossas crenças e convicções pessoais, ou até mesmo do nosso conhecimento prévio. Bactérias e vírus, por exemplo, existem na natureza mesmo que não tenhamos como percebê-los diretamente pelo toque ou vê-los a olho nu. Eles existem “lá fora”, quer tenhamos consciência deles ou não. Até serem descobertos “objetivamente” (isto é, com o auxílio de ferramentas tecnológicas, como testes de laboratório e microscópios), seus impactos sobre nossa saúde eram frequentemente atribuídos a atos sobrenaturais.

A “*realidade subjetiva*”, por outro lado, acontece apenas na mente de um dado indivíduo e depende de suas percepções íntimas. Se alguém se apaixona, essa sensação (para quem a experimenta) será real, intensa, e é intransferível. Sabemos que é necessário um determinado estado bioquímico do cérebro para que a paixão se manifeste, mas outros fatores psicológicos (*subjetivos*) também estão envolvidos. Tal sentimento, assim, existirá “dentro” daquela pessoa, não importando intervenções alheias ou o meio externo. Na chamada “paixão platônica”, inclusive, nem mesmo uma relação direta e efetiva com um potencial parceiro, ou parceira, é determinante para aquilo o que se sente. O mesmo vale no caso de tantas outras emoções que expressamos (como a alegria, ou o medo).

Finalmente, de acordo Harari, há a “*realidade intersubjetiva*”. Nossa espécie, até onde sabemos com alguma certeza, parece ser a única capaz de, consistentemente, produzir e consumir narrativas sobre o mundo, as quais se espalham a partir de interações e trocas de informações entre pessoas e grupos de pessoas. É aquilo que, num senso amplo, chamamos de *estórias*. Isso é algo que, segundo ele, não existia neste planeta previamente ao surgimento dos seres humanos. Narrativas apresentadas por membros da nossa espécie têm sido responsáveis, especialmente nos últimos milhares de anos, por estabelecer esse novo nível de realidade. Para existir, ela depende da concordância e da confiança dos indivíduos em relação às estórias propostas. Exemplos de itens produzidos a partir da realidade *intersubjetiva*, como conceituada por Harari, são as leis, moedas e mitologias. Nas suas palavras, “quando um monte de gente troca estórias

sobre leis, divindades ou moedas, é isso o que cria essas leis, divindades ou moedas. Se as pessoas pararem de falar sobre elas, elas somem” (Harari, 2024: 51).

Se adotarmos a proposta de Harari sobre haver esses três níveis de realidades, e notarmos especialmente a última citação acima sobre a realidade *intersubjetiva* e seus itens componentes, talvez um pouco mais de aprofundamento seja necessário. Conceitos e narrativas sobre a estruturação do mundo, e sobre “coisas” que nele podem ou devem existir, de fato nascem do compartilhamento de sensações, experiências e conhecimentos entre indivíduos e sociedades. Contudo, é importante ressaltar, tais sensações, experiências e conhecimentos, em última análise, têm suas origens em universos fundamentalmente distintos, quais sejam, as já mencionadas realidades *subjetiva* e *objetiva*. Reconhecer isso é crucial para a compreensão dos tipos alternativos de narrativas e conceitos que podem daí ser gerados, e das “coisas” que deles irão derivar.

Certas histórias que ouvimos e conceitos que formamos desde cedo em nossas vidas baseiam-se, primariamente e por várias razões, em ideias e interpretações *subjetivas* daquilo o que de fato acontece ou existe ao nosso redor. Seguimos com eles apesar das imprecisões, e até mesmo os passamos adiante, simplesmente porque nos afetam de uma maneira mais profunda (muitas vezes, positiva) no âmbito pessoal (*subjetivo*). Diferentemente, há outros tipos de narrativas que são estabelecidas a partir de observações construídas sobre o que conseguimos captar de forma estritamente *objetiva* do mundo exterior. Nesses casos, as evidências que servem de base a tais narrativas são invariavelmente

checadas de formas diversas e independentemente por indivíduos e grupos de indivíduos, de modo que seus conteúdos (e, ao final, as próprias histórias contadas) vão se tornando cada vez menos contaminados por opiniões pessoais, e progressivamente mais estáveis e dignos de aceitação. Tais histórias *objetivas* independem dos nossos afetos e preferências individuais. Gostemos delas ou não, será difícil rejeitá-las ou negá-las *objetivamente*.

Resumindo, em outras palavras, há aquelas narrativas e conceitos “mais *subjetivos*” e há aqueles “mais *objetivos*”, considerando se suas bases estão assentadas prioritariamente na realidade *subjetiva* ou na *objetiva*, respectivamente. Que diferença isso faz para o estabelecimento da realidade *intersubjetiva* e aquilo o que dela poderá surgir? Será mesmo que, como dito por Harari, “se as pessoas pararem de falar sobre as coisas intersubjetivas, elas somem”?

A capacidade excepcional da mente do *Homo sapiens* de produzir e consumir narrativas sedutoras tem tido um efeito colateral importante desde a antiguidade. Há tempos, pessoas têm preferido usar seus afetos íntimos (*subjetivos*) para criar histórias atraentes e, a partir deles, estabelecer aquela realidade *intersubjetiva* que mais lhes agrada. Em seguida, tentam encaixar nela o “mundo físico”, usualmente relegando a um segundo plano, ou mesmo ignorando, conhecimentos já disponíveis sobre a realidade *objetiva* (o que, inevitavelmente, resulta em visões distorcidas do mesmo e do seu funcionamento). Uma tentativa de fugir desse cenário se deu na Grécia, por volta do século VI a.C., com o nascimento da Filosofia e da Ciência. Ao se perguntarem sobre a natureza material mais fundamental do universo, e daquilo o que viam e

experimentavam à sua volta, focando de maneira tentativa nos fatos *objetivos* do mundo, aqueles primeiros filósofos/cientistas começaram a alavancar as investigações possíveis sobre a realidade *objetiva*. Alguns deles passaram suas vidas pensando em estratégias para tentar identificar e distinguir narrativas que julgavam estarem baseadas na mera “opinião” (chamada por eles de “*doxa*”) daquelas que poderiam constituir caminhos efetivos para se chegar à “verdade” (ou “*aletheia*”). Tais iniciativas acabaram tendo um impacto crucial no desenvolvimento do pensamento ocidental.

Questões filosóficas sobre percepções da realidade à parte, a produção humana que talvez mais nos aproxime de um entendimento concreto daquilo que convencionamos chamar de “mundo real” é a Ciência. Ao longo de mais de vinte e seis séculos, e especialmente nos últimos 500 anos, essa forma de pensamento vem amadurecendo a duras penas, muitas vezes se colocando em conflito com algumas formas de realidades *intersubjetivas* adotadas pela coletividade.

Um exemplo desse tipo de embate pode ser visto nas diferentes percepções sobre a questão da evolução das espécies. Críticos em geral dessa ideia, como proposta pelo naturalista inglês Charles Darwin (1809 – 1881) em seu famoso livro “*On the origin of species*” (1859; “A origem das espécies”), usualmente referem-se à mesma de maneira pouco rigorosa e *subjetiva* como sendo “apenas uma teoria” (aqui no sentido mais comum e popular da palavra “teoria”, sugerindo uma narrativa frágil, fantasiosa, opinião vaga, ou hipótese inconsistente). É comum também que tais colocações venham acompanhadas de algum tipo (ou tipos) de pensamento mítico/sobrenatural para tentar explicar a aparente

ordenação da vida, e a diversidade e complexidade orgânicas no nosso planeta (incluindo as várias modalidades de “criacionismos” e, mais recentemente, o denominado “Design Inteligente”; este último, um argumento de caráter pseudocientífico, constitui uma “releitura contemporânea” da Teologia Natural dos séculos XVIII e XIX). Na direção contrária a esses pontos de vista, o conjunto das ideias expostas originalmente por Darwin em seu livro estruturou-se *objetivamente* ao longo das primeiras décadas do século XX para constituir o que hoje reconhecemos como sendo uma “teoria científica” (usualmente, denominada de Síntese Evolutiva, Síntese Moderna ou Neodarwinismo). Teorias científicas são o exato oposto de opiniões vagas ou hipóteses rasas. Representam um tipo específico de narrativa formal *objetiva* e consistente sobre a estrutura e o funcionamento da natureza, sendo estabelecidas a partir de um número grandioso de conhecimento confiável, gerado e averiguado em detalhes no âmbito da Ciência. A rigor, obviamente, teorias científicas não constituem “verdades absolutas” sobre os fenômenos naturais. É desejável, inclusive, que se duvide delas constantemente e que haja mecanismos honestos para checá-las e pô-las à prova, de modo a promover eventuais ajustes nas histórias e nos conceitos finais resultantes, caso necessário. Apesar disso, são (de longe!) as melhores aproximações que nós, humanos, conseguimos propor para descrever, interpretar e compreender a realidade *objetiva* (isto é, o “mundo real”). Como colocado pelo biólogo britânico Richard Dawkins (1941 -), teorias científicas simplesmente “funcionam”. Além da Teoria Evolutiva, podemos citar como outros exemplos de teorias científicas de sucesso a Teoria da Relatividade Geral, a Teoria Atômica e a Teoria da Tectônica de Placas.

Boa parte das pessoas claramente desconhece tais distinções, ou as ignora. Os descrentes da Teoria Evolutiva não apenas discordam abertamente da Biologia, mas, no seu pacote de negacionismos, também rejeitam (pelo menos) os achados da Química, da Física e da Geologia, por exemplo. No nosso país isso se explica, em parte, quando constatamos a pouca importância e interesse geralmente dados às Ciências Naturais durante o período escolar (e, por que não dizer, na própria formação de professores nessa área). A edição mais recente do “Programa Internacional de Avaliação de Estudantes” (“*Programme for International Student Assessment*” – PISA; estudo promovido pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE) teve seus resultados divulgados em dezembro de 2023. Nele, o Brasil aparece classificado em 62o lugar em um ranking mundial sobre a compreensão de temas ligados às Ciências por parte de alunos na faixa de 15 anos de idade (dentro um total de 81 países avaliados), tendo obtido 403 pontos (a mesma nota de Montenegro e Jamaica; ver https://www.oecd.org/en/publications/pisa-2022-results-volume-i-and-ii-country-notes_ed6fbcc5-en/brazil_61690648-en.html [acesso em 17 de março de 2025]). De acordo com os resultados das edições anteriores desse Programa nas quais o Brasil tomou parte, estamos patinando nesse mesmo nível há quase vinte anos. Além disso, o PISA mais recente identificou que 55% dos alunos brasileiros participantes da pesquisa ficaram posicionados no nível mais baixo de compreensão das questões de Ciências apresentadas (isto é, “abaixo do Nível 2”, significando que os mesmos “só conseguem apresentar explicações científicas que sejam óbvias”). Tal situação constrangedora, porém, é ainda mais abrangente. Há quase uma década, foi produzido pelo Instituto Brasileiro de

Letramento Científico (IBLC) o estudo intitulado “ILC - Indicador de Letramento Científico” (ver Fundação Carlos Chagas, 2018). Naquela ocasião, revelou-se que quase metade dos entrevistados na população em geral (48%) exibiu um baixo grau de compreensão de assuntos técnico-científicos, tendo sido categorizados, naquela pesquisa, no “Nível 2” (referido como “Letramento Científico Rudimentar”). Não há quaisquer sinais de que esse quadro tenha melhorado desde então.

Podemos voltar agora à pergunta feita anteriormente a partir das colocações de Yuval Harari acerca da realidade *intersubjetiva*: se as pessoas pararem de falar sobre as “coisas” *intersubjetivas*, elas somem? A resposta mais sincera para tal questão parece ser “depende”. Se as narrativas, conceitos e “coisas” *intersubjetivas* tiverem suas bases fundamentais na aceitação da realidade *subjetiva* (“íntima”) e constituírem criações claramente artificiais, isso é certo. Como indicado por Harari, leis, moedas e mitologias estão nessa categoria; elas não existem naturalmente fora das histórias inventadas pelos humanos para lhes dar origem e sustentação. Por outro lado, narrativas, conceitos e “coisas” *intersubjetivas* que nascem dos conhecimentos obtidos e aceitos a partir de dados da realidade *objetiva* são diferentes. A realidade *objetiva* não as inventa, mas fornece as bases para que as mesmas possam ser descobertas, descritas e interpretadas.

Se todas as leis, moedas e mitologias hoje estabelecidas fossem apagadas da história da Humanidade, e se tivéssemos que reconstruir nossa civilização do zero, certamente novas leis, moedas e mitologias seriam criadas ao longo do caminho. Por outro lado, se apagássemos da nossa memória todo o conhecimento científico (*objetivo*), a Ciência

certamente, mais uma vez, teria que lutar para reconquistar o seu espaço; porém, com o rigor e a isenção dos seus métodos investigativos, traria de volta exatamente o que já havíamos descoberto anteriormente sobre o mundo natural. Hipóteses sobre o funcionamento do universo seriam testadas novamente e os mesmos resultados seriam verificados. Havendo, ou não, seres humanos (com suas narrativas) neste planeta, descendência com modificação e seleção natural existem (ou, em outras palavras, a evolução biológica acontece). As histórias e os conceitos que apresentamos para descrever e interpretar o conjunto de tais fenômenos *objetivos* (nesse exemplo acima, a narrativa exposta na Teoria Evolutiva) constituem, no fundo, descobertas, e não obras de ficção. Simples assim. Reformulando a frase de Harari, “se as pessoas pararem de falar sobre as ‘coisas’ *intersubjetivas*, elas nem sempre irão sumir”.

É mais do que urgente pensarmos em estratégias para tentar “alfabetizar cientificamente” a população em geral, ou corremos o sério risco de ficarmos condenados a vagar indefinidamente entre realidades *subjetivas* e *intersubjetivas* divergentes e ilusórias, desconectadas da realidade *objetiva* (ou daquilo o que, como dito, chamamos de “mundo real”; onde estão problemas concretos que precisamos solucionar como, por exemplo, a questão das mudanças climáticas). Nós, profissionais das áreas de Ciências (professores, pesquisadores, divulgadores), bem como os alunos que ensinamos e formamos, temos nas mãos essa responsabilidade. Produzimos e fornecemos conhecimento (genuinamente *objetivo*), não podemos entregar passivamente essas tarefas a outros menos qualificados. Somos nós, no final das contas, os guardiões e guardiãs da realidade *objetiva*.

“Não haveria maneira de suprimir aquilo que suscita temor a respeito das questões mais importantes sem saber qual é a natureza do universo, mas tão somente alguma inquietação relativamente aos mitos. De modo que não há meio, sem o estudo da natureza, de desfrutar prazeres puros” (Epicuro [341 a.C. – 270 a.C.], filósofo grego; 2010: 30).

Referências bibliográficas:

DARWIN, C. R. On the origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life. London: Murray, 1859.

EPICURO. Máximas principais. Texto, tradução, introdução e notas João Quartim de Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. ILC - Indicador de Letramento Científico: Sumário Executivo de Resultados. São Paulo. 2018.

HARARI, Y. N. Sapiens: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HARARI, Y. N. Homo Deus: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARARI, Y. N. 21 lições para o século 21. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Y. N. Nexus: uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

MEMÓRIA DO CCBS

- INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA EMC
- CENTENÁRIO DA EMC

Fotos por Pedro André - Assistente em Administração-DEMEG

